

O ENSINO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA E A INSERÇÃO NAS PRÁTICAS DE LEITURA E DE PRODUÇÃO DE TEXTOS: REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

Rayssa Cristina Silva Pimentel¹; Telma Ferraz Leal²

¹Estudante do Curso de pedagogia - CE – UFPE; E-mail: cristinarayssa@hotmail.com.br

²Docente/pesquisador do Depto de Métodos e Técnicas de Ensino – CE –UFPE. E-mail: tfleal@terra.com.br

Sumário: No presente trabalho analisamos os tipos de atividades desenvolvidos por professoras alfabetizadoras para o ensino da Leitura, Escrita e Apropriação do SEA, além do tempo destinado ao ensino de cada um dos eixos, a articulação e o possível equilíbrio entre esses eixos de ensino, comparando as práticas de professoras dos anos 1, 2 e 3. Realizamos observações de aula de nove docentes. Os resultados apontaram que as nove docentes desenvolviam atividades variadas para o ensino de leitura e produção de textos, havendo maior tempo destinado ao ensino do sistema de escrita alfabética, sobretudo no ano 1. O eixo da leitura foi contemplado com frequência nos três anos e o de produção de textos com baixa frequência. As conclusões revelam ainda que na prática docente as professoras são influenciadas por diferentes abordagens teóricas, o que revela um esforço de articulação de orientações advindas de diferentes espaços e modos de formação profissional.

Palavras-chave: alfabetização; ensino; prática docente

INTRODUÇÃO

O ensino da alfabetização no Brasil passou por mudanças de concepção. Podemos destacar contribuições advindas de diferentes campos e abordagens teóricas para que possamos entender tais mudanças, tais como os estudos da Psicogênese da escrita (FERREIRO, 1985; FERREIRO e TEBEROSKY, 1979) e da consciência fonológica (CAPOVILLA E CAPOVILLA, 1997; MORAIS, 1989 e 2004; FREITAS, 2004; LEITE, 2006). O sistema de escrita era ensinado por meio de métodos que não levavam em consideração as práticas sociais de leitura e escrita. A cartilha tinha espaço na prática de professores que alfabetizavam seus alunos por meio do treino de sons e grafia. Ao aluno cabia decorar essa correspondência para ser alfabetizado.

Um dos marcos dessa mudança de concepção foi o surgimento do termo letramento (STREET, 1989; KLEIMAN, 1995; SOARES, 1998). Segundo Soares (2004), o termo letramento surgiu na mesma época em contexto diferente para nomear as práticas de leitura e escrita de pessoas que já compreendiam o sistema de escrita alfabética. No Brasil, o conceito de letramento se sobrepôs ao de alfabetização, pois os professores passaram a trabalhar com textos de uso social atentando pouco para as especificidades do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Esse fenômeno foi nomeado por Soares (2004) como *Desinvenção da Alfabetização*, pois se perdeu a especificidade do processo de alfabetização enquanto que o Letramento foi priorizado nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Soares (2004) distingue os dois processos, a alfabetização, que corresponde à aquisição de uma tecnologia (o sistema de escrita), e o Letramento, que corresponde aos usos sociais da leitura e da escrita:

Não são processos independentes, mas, interdependentes: a alfabetização desenvolve-se *no contexto de e por meio de* práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e esse por sua vez, só pode se desenvolver *no contexto da e por meio da* aprendizagem das relações fonema-grafema, isto é, em dependência de alfabetização. (p.14)

A autora propõe a *Reinvenção da Alfabetização*, defendendo que os processos de alfabetização e letramento são distintos mas devem ser ensinados simultaneamente, ou seja, enquanto o aluno se alfabetiza deve fazer usos das práticas sociais de escrita.

Levando em consideração as duas dimensões do processo de alfabetização (aquisição do sistema e uso social da escrita) abordada pela autora, temos como objetivo investigar as aulas de nove docentes que lecionam nos três anos do ciclo de alfabetização dos municípios de Camaragibe, Jaboatão e Lagoa dos Gatos com objetivo de investigar quais são as estratégias que essas docentes adotam para o ensino da leitura e da escrita; como é feita a distribuição do tempo para o ensino dos eixos de ensino; quais as estratégias que as docentes utilizam para articular as duas dimensões do sistema e investigar as possíveis diferenças entre as docentes dos anos 1, 2 e 3.

MATERIAIS E MÉTODOS

No ano de 2013, foram realizadas observações de aula das professoras dos anos 1, 2, 3 dos municípios de Camaragibe, Jaboatão e Lagoa dos Gatos. As observações ocorreram sempre após o encontro da formação do PNAIC. As aulas eram gravadas para a transcrição e elaboração de relatórios. Realizamos dez observações de aula para cada professora totalizando noventa observações, no entanto alguns relatórios de aula foram perdidos por problemas técnicos.

RESULTADOS

Os dados analisados evidenciaram que as docentes desenvolviam estratégias variadas para o ensino da leitura e da escrita, independente do ano do ciclo. Muitas estratégias eram semelhantes, variando a frequência e o tempo dedicado a elas. Para o ensino da Leitura, Escrita e Apropriação do SEA, algumas docentes apresentavam estratégias didáticas reflexivas, sem abandono de algumas atividades mais tradicionais, no entanto as atividades mais reflexivas apareceram com maior frequência. Nos três anos houve prioridade às atividades relativas à apropriação do SEA, mas no ano 1 elas foram mais frequentes. Inversamente, as atividades de leitura foram muito frequentes nos três anos, mas o tempo gasto com elas foi maior nos anos 2 e 3. As atividades de produção de texto apareceram com baixa frequência, mas foram mais presentes nas aulas de professoras dos anos 2 e 3.

DISCUSSÃO

Os dados analisados nesta pesquisa mostraram que todas as professoras observadas desenvolveram atividades variadas para que seus alunos aprendessem a ler e escrever. No entanto, o tempo e a frequência com que cada professora utilizava as atividades variaram.

O ensino do sistema de escrita foi frequente nos três anos, mas foi mais presente no ano 1. As estratégias didáticas revelaram oscilações entre abordagens reflexivas acerca do funcionamento da base alfabética, e abordagens tradicionalmente sintéticas, onde são memorizadas famílias silábicas e realizadas cópias, no entanto as atividades de abordagens reflexivas foram mais frequentes.

Para o ensino de Leitura, todas as docentes realizaram atividades que contribuíram para que os alunos encontrassem os sentidos nos textos, mas a frequência foi maior nos anos 2 e 3, assim como foram encontradas atividades com foco no desenvolvimento de fluência de leitura.

As atividades de produção de textos não foram priorizadas em nenhum ano de escolaridade. L1 e L3 não realizaram atividades de produção de texto e as demais docentes realizaram atividades de produção e revisão de textos que na maioria dos casos abordou gêneros escolares.

Em suma, é possível afirmar que todas as professoras dedicaram tempo pedagógico para atividades de leitura e escrita. No entanto, a variação quanto à ênfase dada foi grande. Enquanto algumas professoras em 10 aulas dedicaram mais de 15 horas a situações em que as crianças tinham contato com textos escritos, outras, como a professora L2, dedicou apenas 8 horas, o que significa menos de uma hora por dia de aula.

Como foi dito anteriormente, as atividades voltadas para a apropriação do sistema de escrita ocuparam mais as aulas de professoras da turma do ano 1: C1- 8h38 minutos, J1 - 8h45 minutos e L1 - 8h05 minutos. Com exceção de C2, que dedicou mais tempo para atividades de apropriação do sistema de escrita alfabética (9h05min) e L3 (6h33min), as demais docentes dos anos 2 e 3 dedicaram menos tempo em atividades que priorizavam este eixo de ensino: J2 (2h23minutos), L2 (2h55minutos), C3 (1h05minutos), J3 (2h33minutos).

O eixo da leitura foi mais enfatizado por algumas professoras e menos enfatizado por outras: Enquanto a professora C3 dedicou 10 horas e 28 minutos a atividades de leitura de textos (mais de uma hora em média por dia), a professora C2 realizou apenas três horas e 22 minutos a situações de leitura de textos.

No que se refere ao eixo da produção de textos destacamos que apenas 13 horas e nove minutos foram dedicados a atividades que envolveram as crianças em situações de escrita. Foi, portanto, bastante incipiente o trabalho com esse tipo de ensino. Analisando cada professora, foi constatado que as professoras L1 e L3 não realizaram nenhuma atividade de produção de textos escritos. As demais tiveram poucas situações desse tipo.

As articulações entre apropriação do sistema de escrita e leitura de textos ocorriam, sobretudo, em atividades voltadas para o desenvolvimento da fluência de leitura (leitura em voz alta pelas crianças) ou em atividades de comparação de palavras em textos, com foco em análise fonológica, como as rimas em poemas. A articulação entre apropriação do sistema de escrita e produção de textos era presente em situações em que as professoras chamavam a atenção dos estudantes sobre como grafar as palavras dos textos.

CONCLUSÕES

A pesquisa mostrou que, embora tenham sido apontadas algumas tendências que mostrem progressão entre os anos do ciclo de alfabetização, com ênfases diferenciadas em cada etapa do ciclo, foram também mostradas diferenças grandes entre as professoras, não apenas em relação à ênfase dada a cada eixo de ensino, mas também ao tempo geral dedicado ao trabalho envolvendo leitura e escrita. Algumas professoras tinham um trabalho muito pouco sistemático, em que as crianças eram expostas a pouco tempo de contato com a escrita. Sem dúvidas, a falta do ensino da leitura e da escrita é mais grave que qualquer opção metodológica que se faça. Os dados mostraram que as professoras, de modo geral, contemplaram diferentes eixos de ensino da Língua Portuguesa, sobretudo o do ensino da base alfabética por meio de situações de reflexão sobre o funcionamento do sistema de escrita, e da leitura de textos, o que indicia que há, na prática das professoras, estratégias que as afastam de abordagens sintéticas de alfabetização. Por outro lado, há situações que as aproximam das perspectivas mais sintéticas, como as de realização de cópia e memorização de padrões silábicos. Além disso, foi observado que o eixo de produção de textos foi pouco contemplado e quando aparecia tinha marcas de situações mais tradicionais de escrita, como as de produção de redação. Assim, a acusação muitas vezes presente no discurso da mídia ou de representantes de perspectivas oriundas das

abordagens mais tradicionais, principalmente de grupos ligados à iniciativa privada voltada para a venda de materiais didáticos, de que as crianças não estão sendo alfabetizadas por "culpa" de uma visão ampliada de alfabetização, sem foco no ensino de um "código", não tem fundamento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, ao CNPq e a Propesq, à minha orientadora, às colegas do grupo de pesquisa, à família e os amigos pelo apoio.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- BRANDÃO, A. C. P. O ensino da compreensão e a formação do leitor: explorando as estratégias de leitura. In: SOUZA, I. P. BARBOSA, M. L. F. F. (Orgs) **Práticas de leitura no ensino fundamental**. Belo Horizonte: Autentica 2005. p 59- 76
- CAPOVILLA, A. e CAPOVILLA, F. **Alfabetização: Método Fônico**. São Paulo: Memnon, 1997.
- FERREIRO, E. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY. A. **Los sistemas de escritura en el desarrollo del niño**. México: Siglo XXI, 1979.
- FREITAS, G. C. M. de. Sobre a consciência fonológica. In: LAMPRECHT, R. **Aquisição Fonológica do Português**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- KLEIMAN, A. **O significado do letramento. uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- LEITE, T. M. S. B. R. Alfabetização - consciência fonológica, Psicogênese da escrita e conhecimento dos nomes das letras: um ponto de interseção. **Dissertação de Mestrado**, UFPE, Recife, 2006.
- MORAIS, A. G. De. **A Apropriação do Sistema de Notação Alfabética e o Desenvolvimento de Habilidades de Reflexão Fonológica**. Porto Alegre: Letras de Hoje, 2004.
- MORAIS, A. G. de. **Reflexão Metalinguística de Psicogênese da Escrita: Como interagem na Alfabetização?** Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais, CE-UFPE, Recife, 1989.
- MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.
- SOARES, M. (2004). Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, 2004, n°25.
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- MATTHEWS, M.M. *Teaching to read historically considered*. Chicago: The University of Chicago Press, 1966.
- MIALARET, G. *L'apprendimento della lettura*. Roma: Armando, 1967.
- STREET, B. **Literacy in Theory and Practice**. Cambridge: Cambridge, Mass: Havard university Press, 1989.